

Atropelamento e fuga

?Os comentadores espalharam a ideia que se está a gastar demais na educação e que não se vê qualquer melhoria em termos de eficiência ou dos resultados do sistema. Com tais apoios, o governo deste país pode baixar o orçamento da educação?

1. Entre os indicadores de desenvolvimento de um país, pululam os números da educação e ensino. Por vezes, esgrimem-se mesmo números tão sem sentido como os milhões do orçamento de estado destinados ao ministério da educação. Esses números podem significar alguma preocupação com a educação por parte do poder político e não mais que isso, a menos que sejam qualificados por alguma acção ou iniciativa política.

Ultimamente, os comentadores espalharam a ideia que se está a gastar demais na educação e que não se vê qualquer melhoria em termos de eficiência ou dos resultados do sistema. Com tais apoios, o governo deste país pode baixar o orçamento da educação, apesar das altas taxas de abandono escolar básico sem quaisquer alternativas de formação aos sistemas formais de escolarização da população.

Todos reconhecem que problemas graves existem. E, apesar disso, o governo desinveste. Porquê? O mais provável é que reconheça não ter qualquer plano de acção para a educação e formação. À medida que vimos como os ministros se substituem uns aos outros, compreendemos bem que ao sistema lhe falta a cabeça e como está incapaz! Aos actuais mandantes (ou paus mandados?) da política educativa cabe distribuir culpas pelos funcionários docentes e não docentes, ex-ministros e secretários, máquinas e programas para concursos feitos à mão, etc. E aceitar que não se invista na sua ?má-educação?.

2. Na educação dos últimos anos, tem-se gasto mal dinheiro demais. Basta pensar nos investimentos feitos pelos governos do PS para rever ou reformar os currículos do ensino sem chegar às aplicações. As mudanças a este nível, em democracia, demoram anos em concepção e negociação com uma grande variedade de parceiros sociais.. De facto, para além da conformidade que é preciso garantir com as instâncias internacionais e a adequação aos espaços profissionais e culturais partilhados pelos europeus portugueses, as mudanças curriculares têm consequências nos horários de trabalho de estudantes e professores, jogam com concepções científicas e com as (in)contornáveis mudanças científicas e tecnológicas, etc. As intenções das sociedades científicas, associações e sindicatos profissionais, associações de pais e estudantes, escolas básicas e secundárias, politécnicos e universidades são envolvidas numa negociação que demora anos.

Em democracia, não há mudanças simples. Quando alguma coisa parece estar definida, ela já não é propriedade de quem quer que seja e é provisória.

3. Com diferentes envolvimentos e perspectivas, acompanhei as diversas reformas e mudanças do sistema educativo e, como professor de matemática, empenhei-me activamente em obter, nas oportunidades das mudanças, ganhos para o ensino em geral e da matemática, em particular.

Os últimos governos do Partido Socialista especializaram-se em prometer e meter mudanças em tudo o que podia mexer, mesmo quando o resultado podia ser vazio por não estarem reunidas condições que dessem sentido às mudanças. Sem olhar para o estado do caminho palmilhado, interessava acelerar e experimentar todas as mudanças.

Quando muda o governo, para uma maioria PSD/CDS, os ministros só pensam em mudar no meio do vendaval das mudanças que estavam preparadas e, na grelha de partida, esperavam o arranque de um ano lectivo ali mesmo a acenar. Mudam, usando travões. Não podendo ficar paradas as máquinas já postas em movimento, adiam umas coisas para as desfigurarem com pequenas cirurgias, dão andamento a outras em condições que não eram aquelas para que tinham sido concebidas.

4. Gastou-se muito e gasta-se dinheiro. Gasta-se a alma dos agentes educativos que estão a braços com propostas (técnicas muitas delas) preparadas para uma decisão política que não é nem vizinha daquela em que estão a ser aplicadas. É caro um sistema de governantes medíocres que precisam de deixar marca, ainda que de tolice.

Responsáveis do PS dirão que estes governos se especializaram na marcha atrás.

Mas é mais grave. Eu penso que eles podem mesmo ser acusados de atropelamento e fuga. Por aqui, o meu futuro é escrever sobre isso.